

MIRADAS E VOZES NEGRAS: LETRAMENTO RACIAL NA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

Letícia da Costa Chaplin ¹

*Quais são as palavras que você ainda não tem?
O que você precisa dizer?
Quais são as tiranias que você engole dia após dia
e tenta tomar para si, até adoecer e
morrer por causa delas, ainda em silêncio?*
Audre Lorde, 2025

RESUMO

Este resumo relata uma iniciativa que visa promover o letramento racial de estudantes bolsistas de Iniciação à Docência, do Projeto Interdisciplinar Educação do Campo e Letras, do Campus São Lourenço do Sul, da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Este relato de experiência evidencia práticas de educação antirracista por meio da Literatura, entendida aqui como manifestação artística e cultural que dialoga com os anseios por uma sociedade justa, democrática e equânime, tal como prevista em diversas habilidades da BNCC e igualmente no PPCs dos cursos de licenciaturas. Este projeto foi pensado, principalmente, para formar professoras e professores habilitados a atender a Lei 10.639/2003, que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e ao Decreto 4.886/2003, o qual institui a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial - PNPIR. Assim, as práticas pedagógicas aqui apresentadas abordam a questão racial a partir de uma perspectiva afrofônica, de maneira a promover narrativas outras que não as eurocentradas, mas a partir de outras vozes historicamente silenciadas e apagadas. Desta maneira, as atividades formativas sustentam-se nas contribuições de Bárbara Carine sobre os conceitos de identidade racial, negritude e branquitude, bem como de Antônio Bispo dos Santos, no que se refere aos conceitos de contracolônização e confluência, sendo explorados através da Literatura, e outras formas de expressão artística que a ela se associam, potencializando a sensibilização para a importância do tema e criando espaços vários de reflexão, aprendizado e celebração das miradas e vozes negras que constituem nossa sociedade.

Palavras-chave: Antirracismo, Contracolônização, Afrofonia, Literatura, Formação de professores

INTRODUÇÃO

A proposta de criação do Subprojeto Interdisciplinar Educação do Campo e Letras, no Campus São Lourenço do Sul², da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, aprovada

¹ Doutora em Letras, na Área de Concentração em Literaturas Brasileira, Portuguesa e Luso-Africanas, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); professora assistente no Curso de Letras, do Instituto de Letras e Artes, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), no Campus São Lourenço do Sul; coordenadora de área do PIBID, no Subprojeto Interdisciplinar Letras e Educação do Campo. E-mail: leticiachaplin@furg.br

² A professora e pesquisadora baiana, acertadamente, insiste na necessidade de valorizar a pluralidade na intelectualidade da academia como uma importante categoria decolonial.



ainda no ano de 2024, foi elemento fundamental para a consolidação de uma formação, ao mesmo tempo, ampla e profunda, dos licenciandos de ambas as áreas. Podemos aqui elencar diferentes motivos, dentre os quais queremos destacar o atendimento à Lei 10.639/2003, que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e ao Decreto 4.886/2003, o qual institui a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial - PNPIR. Assim, o Subprojeto tem em sua gênese, entre outros, o objetivo de abordar a questão racial de maneira a se tornar um marco na promoção da igualdade racial aliada a diversas formas de expressão cultural, criando espaços vários de reflexão, aprendizado e celebração das miradas e vozes negras que constituem nosso mundo. Dessa forma, estaremos potencializando nos bolsistas de Iniciação à Docência a visibilidade e a conscientização da importância desta pauta para uma sociedade com melhores condições de vida para todos, contribuindo sobremaneira para a qualificação da formação de professores e professoras, o acesso a bens culturais, a promoção da diversidade e a educação antirracista.

A educação antirracista é um processo essencial para a construção de uma sociedade justa, diversa e equânime, na qual sejam priorizados o reconhecimento às diferenças que nos constituem e o combate radical às discriminações todas. No entanto, como afirma Bárbara Carine (2023), o desenvolvimento de uma prática educacional de viés antirracista é uma decisão mais do que pedagógica: é uma decisão política. É necessário educar o olhar para outras possibilidades e outras narrativas da história da população negra no Brasil, abrindo espaço para outras vozes silenciadas sistematicamente em nossa sociedade. É abrir-se para aquilo que aqui chamamos de afroфония, as vozes de África.

Como aponta Carine, uma educação antirracista é uma

educação baseada em referenciais afro-brasileiros, indígenas e africanos para repensar e reconstruir as práticas pedagógicas para produzir algo diferente e capaz de transformar as práticas ocidentalizadas e hegemônicas dos currículos em práticas antirracistas. (CARINE, 2023, p.13)

Dessa forma, para que a educação antirracista seja verdadeiramente eficaz, e não mais uma lei, muitas vezes, não cumprida pelas próprias instituições, é crucial que haja o protagonismo da pessoa negra no processo educacional. No entanto, sem se fazer necessário muito esforço, nossos bancos escolares e universitários estão ocupados por pensadores, pesquisadores, críticos literários, cientistas brancos (em geral, homens brancos). Carine nos alerta para a urgência em elegermos, enquanto docentes, uma *intelectopluralidade*³, a qual

³ Importa ambientar o Subprojeto Interdisciplinar Letras e Educação do Campo no município de São Lourenço do Sul, cidade que, segundo o IBGE (2024), possui a extensão territorial de 2.039,257 km² e 41.283 habitantes, conforme o censo de 2022. A estimativa populacional para 2025 é de 43.283 habitantes. O município fica a cerca de 200 km da capital Porto Alegre e é formado por diversas etnias, entre elas a comunidade negra, cujo papel na construção e no desenvolvimento do município foi e é fundamental. Os vários quilombos existentes na região



contemple uma variedade significativa de vozes que dialoguem com raças, etnias, classes e gêneros diversos.

A partir dessas premissas, então, e na qualidade de Coordenadora de Área do PIBID, foi traçado um percurso formativo para os 24 bolsistas de Iniciação à Docência do Subprojeto Interdisciplinar Letras e Educação do Campo que aborde o letramento racial como elemento essencial para que os futuros docentes possam ser versados em uma educação antirracista. Esse percurso formativo iniciou em julho de 2025 e ainda está em processo, uma vez que os objetivos da proposta são permanentes, não apenas para os estudantes enquanto pibidianos, mas para todos nós, professores e professoras. Dentre os objetivos, destacamos: valorizar a identidade negra no contexto escolar; promover o letramento racial e as práticas pedagógicas antirracistas; estimular a interdisciplinaridade articulando os cursos de Letras e de Licenciatura em Educação do Campo; desenvolver estudos que promovam uma educação antirracista baseada em referenciais afro-brasileiros e africanos; ampliar o repertório sociocultural dos bolsistas ID acerca das culturas e saberes negros na constituição da sociedade brasileira.

Estes objetivos conversam com outras temáticas que concebemos, no âmbito do PIBID, como inescapáveis a uma formação plena e socialmente referenciada: a educação ambiental, a emergência climática e o desenvolvimento de habilidades ligadas aos letramentos digitais. Uma vez que esses assuntos nos interpelam diariamente como cidadãos, eles precisam ser debatidos criticamente tanto na escola, quanto na universidade. Quais populações são sistematicamente atingidas pelos efeitos dos desastres climáticos e que lugar na sociedade essas populações ocupam são exemplos de questionamentos que surgem para qualificar o debate e, conseqüentemente, a formação dos bolsistas ID. E para além disso, uma vez que o Subprojeto tem, desde sua concepção, a interdisciplinaridade como eixo fundamental, é possível, além de promover a interdisciplinaridade entre as licenciaturas em Letras e em Educação do Campo, viabilizar práticas pedagógicas em que tal perspectiva transversal se faça presente, aprofundando o estudo dos currículos na Educação Básica de modo mais vertical e qualificado, considerando as demandas da comunidade escolar.

representam a resistência e a ancestralidade da cultura negra espalhadas pelo interior da localidade.



REFERENCIAL TEÓRICO

Para que a educação antirracista seja verdadeiramente eficaz, e não mais uma lei que, muitas vezes, não é cumprida pelas próprias instituições, é crucial que haja o protagonismo da pessoa negra no processo educacional, seja na literatura, seja na música, seja as artes em geral. Autoras como Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Chimamanda Ngozi Adichie, Audre Lorde e bell hooks e autores como Frantz Fanon, Cuti, Nêgo Bispo e Edmilson de Almeida Pereira trazem à tona narrativas que subvertem os discursos coloniais e promovem uma visão do mundo através das lentes das experiências negras. O estudo de obras como essas no ambiente escolar e acadêmico oferece uma oportunidade única para desconstruir práticas racistas e discriminatórias, além de valorizar a diversidade cultural que tanto constitui nossa sociedade brasileira.

Como bem aponta a professora e pesquisadora Sílvia Barros (2023), o ensino de conteúdos sobre história e cultura africana e afro-brasileira em todas as instituições educacionais, a partir da obrigatoriedade imposta pela Lei 10.639/2003, impulsionou a elaboração de materiais didáticos e roteiros de práticas pedagógicas possíveis para atender à legislação, configurando-se numa conquista histórica para o Movimento Negro e para o Brasil. A pesquisadora, muito otimistamente, ressalta que se hoje estamos lendo sobre essa pauta *é porque estamos vivendo um momento de conscientização a respeito dos silenciamentos impostos em nossa sociedade e estamos empreendendo um esforço coletivo para alterar a forma como aprendemos, estudamos e ensinamos.* (BARROS, 2023, p. xi)

E isso, evidentemente, é bom, não? Barros (2023) é ainda mais incisiva quando define que a literatura negra é um ato de rebelião contra tudo aquilo que foi concebido historicamente sobre a pessoa negra, devolvendo-lhe o *status* de humano o qual lhe foi usurpado pelo colonialismo. É assim que os atuais dispositivos legais restituem a humanidade àqueles que foram tratados pela ciência e por grande parte das religiões cristãs como seres animalizados, bestializados, sem alma e sem valores.

Em recente publicação, Conceição Evaristo (2026) contribui sobremaneira para o entendimento da urgência do estabelecimento de um discurso em que a pessoa negra emergja como sujeito protagonista da história, em consonância com uma cosmogonia negra, em que prevaleçam narrativas cujo cerne esteja em absoluta consonância com a maneira de o negro ser e estar no mundo. Segundo a professora Denise Carrascosa⁴, nesta obra, Conceição

⁴ Carrascosa nos ensina que *Ngânga* é uma espécie de Mestra do Saber da comunidade negra, que desempenha um papel diplomático nessa reinvenção da Cosmogonia Africana a partir da diáspora negra.



Evaristo atua como uma *Ngânga*⁵ e vem aos bancos acadêmicos para “*desensinar (grifo meu) à universidade sobre nossa Nação*” (EVARISTO, 2026, p.10).

Assim é que adentramos na proposta de uma educação antirracista desenvolvida por Bárbara Carine (2023) em *Como ser um educador antirracista*, leitura proposta ao grupo de participantes. A pesquisadora baiana, logo nas primeiras linhas de seu pequeno manual, ressalta que *trata-se de uma escolha política e pedagógica* (CARINE, 2023, p.11). Essa escolha pressupõe aquilo que chamamos de um permanente estado de disponibilidade, complementado por um impulso de busca ativa por novas vozes e novas miradas afrofônicas em nossas práticas pedagógicas.

Carine busca nesta obra constituir um marco referencial delineando conceitos às vezes nebulosos para a maioria de nossos professores em formação e é exatamente neste ponto que o PIBID e suas ações transversais e interdisciplinares entram com toda sua potência.

As oficinas formativas em educação antirracista no Subprojeto Interdisciplinar PIBID Letras e Educação do Campo derivam de uma experiência anterior, realizada no âmbito do Projeto Linguagens e Expressões Negras na Escola, desenvolvidas também no município de São Lourenço do Sul. Sobre o projeto, vale ressaltar que

nasceu de uma interação dialógica com docentes e estudantes da Educação Básica, fomentada por iniciativas de ensino, pesquisa e extensão realizadas no contexto do Curso de Letras, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – Campus São Lourenço do Sul, localizado no município de mesmo nome. O Curso de Letras é novo no município, tendo sido criado em 2020, no início do período que logo em seguida conheceríamos como a maior pandemia já vivida em nossos tempos contemporâneos. Assim que a presencialidade foi retomada, ainda que a passos curtos, a relação da comunidade acadêmica com a Educação Básica começou a tomar forma, intensificando-se com a atuação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e de Projetos de Extensão, como o Kilombo Literário. (SANTOS; CHAPLIN; FERREIRA, 2026, p. 57-58)

É nesse contexto de aquilombamento e confluência de ideias e ideais que o projeto ganha energia de expansão e pode atualizar-se a cada nova interação, como ocorreu logo a seguir na realização das oficinas formativas com os pibidianos. Na perspectiva de Nêgo Bispo

Não tenho dúvida de que a confluência é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluncia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente - a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida. (BISPO, 2023, p.15)

⁵ Denise Carrascosa é professora associada de Literatura, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), escritora e feminista negra abolicionista. A pesquisadora redigiu a Apresentação “*Ngânga Conceição Evaristo, Mestra de nossa Nação*” para o livro da escritora mineira *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*, resultado de sua Dissertação de Mestrado defendida em 1996 e publicada trinta anos depois, em 2026.



Para desenvolver essa perspectiva de confluência, lançamos mão de um elemento ainda pouco explorado no processo de uma educação antirracista: a arte. Aqui entendemos a arte a partir de uma perspectiva cosmológica, como afirma Nêgo Bispo, *a arte é a conversa das almas porque vai do indivíduo para o comunitarismo, pois ela é compartilhada* (BISPO, 2023, p.23). Nessa perspectiva, a literatura produzida para crianças e adolescentes destaca-se no campo das manifestações artísticas e ocupa um espaço especialmente significativo na educação antirracista, uma vez que as primeiras leituras realizadas ainda na infância contribuem para a formação das identidades e de uma visão de mundo mais inclusiva das crianças. Livros que apresentam personagens negros contando suas narrativas repletas de ancestralidade e tradições próprias ajudam a construir não apenas uma imagem positiva da negritude desde cedo, mas principalmente são fundamentais para combater a naturalização de preconceitos e do racismo estrutural e recreativo.

O protagonismo negro na literatura desafia a invisibilidade histórica dos povos negros e questiona a ausência de manifestação destas vozes nos currículos tradicionais. Quando os estudantes têm acesso a uma diversidade de narrativas, eles são incentivados a questionar e a repensar as normas sociais e culturais que perpetuam o racismo. Além disso, ao reconhecer e valorizar a produção intelectual e artística da população negra, a educação antirracista contribui sobremaneira para promover uma ruptura com o legado colonial que ainda persiste na sociedade.

METODOLOGIA

A metodologia aqui desenvolvida, de caráter eminentemente bibliográfico e dialógico, considerou a ampliação do letramento racial por meio dos recursos artísticos e literários, promovendo formação aos pibidianos para que possam ter uma experiência literária mais crítica e diversa, visando o protagonismo de pessoas negras numa perspectiva afrofônica, por meio de oficinas de formação, rodas de conversa e grupos de estudo teórico.

As atividades desenvolvidas com o grupo de pibidianos objetivaram, então, o letramento racial dos participantes para contribuir para uma formação ampla e cidadã dos futuros docentes. Inicialmente, trabalhamos com a análise e reflexão do texto de apresentação do livro *Quando me descobri negra*, de Bianca Santana (2023), em que a autora relata seu processo pessoal de identidade racial, uma vez que desde sua infância, por ser uma pessoa parda, vivenciou o violento processo de branqueamento

Eu fui branqueada em casa, na escola, no cursinho e na universidade. É como disse Francisco Weffort: o branqueamento apaga as glórias dos negros, a memória dos líderes que poderiam sugerir caminhos diferentes daquele da humilhação cotidiana,



especialmente para os pobres. Ainda em busca de identidade, afirmo com alegria que sou negra há dez anos. E agradeço ao professor do Educafro que pela primeira vez, em 21 anos, fez o convite para a reflexão profunda sobre minhas origens. (SANTANA, 2023, p.8)

A partir deste texto introdutório, os pibidianos discutiram sobre os processos de branqueamento pelos quais as pessoas negras, principalmente as pardas, acabam se sujeitando para bem de evitar enfrentamentos cuja origem está no racismo estrutural. Discutiram toda a violência desses processos, que vão desde a eufemização de traços do rosto à redução da cor da pele à exposição solar excessiva, passando por preconceitos cada vez mais sofisticados, culminando num apagamento de sua história ancestral pregressa e no silenciamento histórico e sistemático ao qual a pessoa negra é tradicionalmente submetida. Para essa questão, ainda na década de 80, Lélia Gonzalez nos chama a atenção corajosamente⁶

E quando querem elogiar a gente dizem que a gente tem feições finas (e fino se opõe a grosso, né?). E tem gente que acredita tanto nisso que acaba usando creme prá clarear, esticando os cabelos, virando leidi e ficando com vergonha de ser preta. Pura besteira. Se bobear, a gente nem tem que se defender com os xingamentos que se referem diretamente ao fato de a gente ser preta. (GONZALEZ, 1984, p.234)

Considerando o racismo como um sintoma que caracteriza a neurose cultural brasileira, Gonzalez (1984), nos convida a olhar para os efeitos violentos do racismo estrutural sobre as mulheres negras no Brasil. E o texto de Santana (2023) dialoga exatamente com essa violência silenciada, que forja essas mulheres num lugar de domesticação e subalternidade.

É aqui que os retratos do trabalho fotográfico *Humanæ* da artista brasileira Angélica Dass entram de modo bastante incisivo, trazendo uma reflexão sobre as cores de peles, procurando documentar com bastante veracidade as diversas e verdadeiras cores que compõem a diversidade humana, ao invés de reduzir os tons a categorias estanques como branco, preto, amarelo e vermelho, em associação com as etnias. É um projeto bastante audacioso⁷ e bonito, que busca registrar o inescapável: a diversidade humana. Em seu site, a artista destaca que

o fundo de cada retrato é matizado com um tom de cor idêntico a uma amostra de 11 x 11 pixels tirada do nariz do sujeito e emparelhada com a paleta industrial Pantone®, o que, em sua neutralidade, põe em questão as contradições e estereótipos relacionados com a questão racial. (DASS, 2013)

⁶ O site da artista registra que foram fotografados mais de 4.000 voluntários em 20 países diferentes. No mesmo site, é possível conferir a mostra integral.

⁷ Faço questão de enfatizar a coragem desta mulher negra antropóloga que em 1980, ainda sob o regime de ditadura militar brasileira, propõe uma ruptura definitiva aos anos de silenciamento impostos à pessoa negra e, mais que isso, propõe a interseccionalidade entre raça, gênero e classe, tema ainda embrionário no Brasil da época.



O trabalho com os retratos de Dass foram fundamentais para expor uma série de preconceitos raciais estruturais, arraigados e, por muitas vezes, disfarçados de democracia racial na sociedade em que vivemos. Lançando mão, então, destes conhecimentos, os estudantes participantes das oficinas realizaram seu autorretrato, através de desenho, utilizando materiais como lápis e giz conhecidos como “tons de pele”, bem como através da escrita. Nesta atividade, os pibidianos puderam compreender que o princípio do fim do racismo está em reconhecer a diversidade intelectual, cultural e de saberes que se expressa também nas variadas tonalidades de peles que constituem nossa diversidade brasileira.

No encontro em que tratamos de *Como ser um educador antirracista*, os conceitos mais debatidos foram negritude e branquitude, contribuindo sobremaneira para a compreensão do que significa privilégio branco e racismo estrutural. Como afirma Carine

o termo branquitude não se refere às pessoas em suas singularidades; trata-se de uma categoria social, que se refere a um lugar de vantagens simbólicas, subjetivas e materiais disponíveis para pessoas identificadas como brancas em uma sociedade onde o racismo é estrutural. Essa identificação no Brasil é fenotípica, ou seja, se dá pela estética, e não pela constituição genética (genótipo). (CARINE, 2023, p.40)

Essa compreensão derruba por terra aquela ideia da qual se vale o mito da democracia social, de que no Brasil todos temos sangue negro e indígena. Ora, podemos até tê-lo, mas não é o DNA que submete as pessoas aos horrores do racismo diariamente vividos pela população negra, mas o fenótipo, a aparência, a cor, o cabelo, a roupa, a cultura, os saberes, as religiões. É aquilo que está fora, absolutamente visível, e não o que está dentro que as condena às penúrias do racismo.

De posse desses conceitos iniciais, na oficina seguinte, começamos por assistir ao documentário *Sou*, de Andreia Vigo, que registra de forma histórica e poética vida e obra do poeta gaúcho Oliveira Silveira (1941-2009), responsável por ser um dos idealizadores da proposta de criação do Dia da Consciência Negra, hoje feriado nacional por meio da Lei nº 14.759/2023, a qual instituiu o dia 20 de novembro como, oficialmente, o "Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra". Como era de se esperar, essa o tema desta oficina causou surpresa na totalidade dos participantes, que, primeiro, não conheciam o poeta nascido no interior de Rosário do Sul, no coração do pampa gaúcho e, segundo, tampouco tinham conhecimento de que fora um gaúcho um dos responsáveis intelectuais pela criação da importante data para a comunidade negra. Nascido em 1941, formado em Letras pela UFRGS, Oliveira Silveira foi poeta, professor, historiador e ativista. Integrou o Grupo Palmares, que propôs o 20 de novembro como data para celebrar a memória e a resistência



negras, mais tarde, em 1978, também adotado pelo recém fundado Movimento Negro Unificado - MNU.

Na sequência, então trabalhamos com poemas de Oliveira Silveira, também desconhecidos do grande grupo, a não ser por um ou dois estudantes negros pertencentes aos quilombos da região de São Lourenço do Sul, o que muito nos animou, uma vez que o tema pode encontrar ressonâncias importantes dentre os bolsistas ID. Os versos iniciais do poema *Parte da crônica*⁸ mobilizam uma poética da memória que articula denúncia histórica e ressignificação simbólica da experiência negra diaspórica:

Contem, costas D'África,
a história do que eram

nas florestas e savanas
pássaros num céu
azul sem obstáculos...

- É a história dos que tinham
o direito de ter
seu ninho, seu bando e horizontes
para suas asas de ébano.

Conta, Oceano Atlântico,
a história dos traídos
a história dos que partiram
em navios de jamais...

Tendo o Oceano Atlântico por testemunha, o poema constrói um movimento duplo: ao mesmo tempo em que evoca uma liberdade ancestral, denuncia a violência impingida aos negros escravizados. A partir desta linguagem imagética de Oliveira Silveira sobre a diáspora negra de África, os pibidianos puderam compreender que o poema não apenas rememora, mas politiza a memória e problematiza os processos de silenciamentos, escrevendo, para usar o termo cunhado por Conceição Evaristo (2026), a experiência negra no centro da história, numa perspectiva em que a literatura produzida por poetas negros e negras apresenta um discurso outro em que pretende uma *autoapresentação* do negro, em oposição a um discurso de *representação* do negro produzido pela literatura dominante branca.

Assim, quando trabalhamos com os estudantes literatura negra, aquela produzida por vozes negras, estamos pontuando que *a literatura negra se dá a partir do momento em que o negro deixa de ser somente o tema, deixa de ser somente o objeto para uma literatura alheia e passa a criar a sua, assumindo o papel de sujeito* (EVARISTO, 2026, p.81). Essa mudança de paradigmas, em que o negro deixa de ser visto de forma estereotipada, passiva e

⁸ É possível conferir boa parte da produção poética de Oliveira Silveira no site Literafro, da UFMG, disponível em <https://www.lettras.ufmg.br/literafro/>



reducionista, define novos caminhos para as artes, a literatura e, finalmente, para uma educação que se proponha efetivamente antirracista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Assim como a mostra fotográfica *Humanæ* está em permanente atualização, nosso processo de letramento racial também está. Das oficinas em 2025, derivou a criação do Grupo de Estudos Teóricos, com o grupo de Letras do Subprojeto Interdisciplinar, que se reúne uma vez ao mês para debater leituras previamente solicitadas, todas elas de autoria negra, destacando Chimamanda Ngozie Adiche, Lélia Gonzalez, Frantz Fanon, Bárbara Carine, Audre Lorde, entre outros nomes.

Antes disso, porém, os pibidianos realizaram a ação Estação do Conhecimento: conectando ciência e ancestralidade, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Maximiliano Strauss, localizada no Boqueirão, interior de São Lourenço do Sul, no final do mês de outubro de 2025, como da programação da 11ª Feira Municipal do Conhecimento: Caminhos para um Futuro Ancestral, a qual ocorreu no dia 26 de novembro, com apoio da prefeitura do município. Entre as atividades desenvolvidas, estiveram presentes jogos pedagógicos, contação das histórias *Meu crespo é de rainha* e *A pele que eu tenho*, de bell hooks, oficina de grafite com o artista local Zil, roda de conversa sobre personalidades negras que contribuíram para a história do Brasil e do mundo, em estações nas quais as crianças e adolescentes circularam em grupos, dedicando-se a cada proposta por cerca de 30 minutos a 1h.

Esta ação específica foi de suma importância pois agregou agentes culturais da Associação do Movimento Negro Ki Zumbi, do Ponto de Cultura e Memória Quilombo Maria Lina. São os saberes populares compartilhando miradas e vozes com a academia, com os professores supervisores e coordenadoras de área, pibidianos e pibidianas do Subprojeto Interdisciplinar Educação do Campo e Letras do PIBID/FURG-SLS, naquilo que, como dissemos anteriormente, Nêgo Bispo chama de confluência ou compartilhamento

Quando ouço a palavra *confluência* ou a palavra *compartilhamento* pelo mundo, fico muito festivo. Quando ouço *troca*, entretanto, sempre digo: “Cuidado, não é troca, é compartilhamento”. Porque troca significa um relógio, um objeto por outro objeto, enquanto no compartilhamento temos uma ação por outra ação, um gesto por outro gesto, um afeto por outro afeto. E afetos não se trocam, se compartilham. Quando me relaciono com afeto com alguém, recebo a recíproca desse afeto. O afeto vai e vem. O compartilhamento é uma coisa que rende. (BISPO, 2023, p.36)

CONSIDERAÇÕES FINAIS



A educação antirracista, para muito além de uma legislação, é um processo essencial para a construção de uma sociedade justa, diversa e equânime, na qual sejam priorizados o reconhecimento às diferenças que nos constituem e o combate radical às discriminações todas. Este percurso somente será possível na coletividade, a fim de formar uma rede de pessoas comprometidas com o debate efetivo e afetivo da temática antirracista na escola e na sociedade em geral.

Tomar como ponto de partida para uma formação antirracista as artes e a literatura negra contribui sobremaneira para a construção de um discurso novo, capaz de evidenciar a pessoa negra e sua inserção na história como agentes, como sujeitos que falam por si, que se inscrevem e se escrevem sem atravessadores ou mediadores desse discurso. A sala de aula é o lugar por excelência da valorização de saberes diversos, mas, sabemos, também pode ser o espaço de reprodução de preconceitos e discriminações. Para que possamos, como docentes e pesquisadoras da educação antirracista, romper com este ciclo de violências, temos Conceição Evaristo, nossa *Ngônga*, para nos dar a mão, a palavra e a sabedoria

É preciso, ao pensar o outro sob o prisma da diferença, não pensá-lo como um desviante da norma, de um modelo universal, mas como o indicador de outras posturas possíveis, como revelador do princípio da diversidade, da variedade, do pluralismo tão presente no nosso tempo. (EVARISTO, 2026, p.30)

REFERÊNCIAS

- BARROS, Sílvia. *Literatura de autoria negra*. Curitiba: Intersaberes, 2023.
- CARINE, Bárbara. *Como ser um educador antirracista*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
- DASS, Angélica. *Humanae*. Disponível em: <<https://angelicadass.com/pt/foto/humanae/>>. Acesso em: 19 de mar. 2026.
- EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afrobrasilidade*. Rio de Janeiro: Pallas, 2026.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1084, p. 223-244.
- LORDE, Audre. *Irmã outsider: ensaios e conferências*. Trad. Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2025.
- SANTANA, Bianca. *Quando me descobri negra*. São Paulo: Fósforo, 2023.
- SANTOS, Aline; CHAPLIN, Letícia; FERREIRA, Priscila. O projeto Linguagens e Expressões Negras na Escola: relato de experiência. In: SOUZA JÚNIOR, Manuel; RANGEL, Tauã Lima Verdán (org.). *Relações étnico-raciais: reflexões, temas de emergência e educação*. Vol. III. Itapiranga: Schreibern, 2026, p. 57-68.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu/PISEAGRAMA, 2023.
- SILVEIRA, Oliveira; AUGUSTO, Ronald (org.). *Oliveira Silveira: obra reunida*. 2. ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2022.





VIGO, Andreia (dir.). *Sou*. Documentário, 26min, Cor/P&B, Rio Grande do Sul: 2010.
Disponível em: <https://vimeo.com/17150152>. Acesso em: 27 de mar. 2026.

